

A JORNADA DE INAYA NA BUSCA PELOS SEUS IRMÃOS

Zâmbia Osório dos Santos
Milena Batista Bráz
Eliane Debus
UFSC

O livro *A viagem*, de Tatiana Pinto (2016), com ilustrações de Luís Cardoso a partir de artesanato desenvolvido por Tomás Muchanga, é o terceiro título da coleção “Contos de Moçambique”, composta por 10 volumes que recontam histórias da tradição oral de Moçambique, realizadas por escritores e ilustradores do país. A coleção é um projeto da Escola Portuguesa de Moçambique, localizada em Maputo, em parceria com a Fundació Contes Pel Món de Barcelona, da Espanha, publicado originalmente em Moçambique no ano de 2012. No Brasil foi publicado pela chancela da Editora Kapulana (SP), em 2016.

Estruturalmente, o livro tem medidas de 21cm de altura por 21cm de largura e contém 32 páginas. Em Moçambique possui dois formatos impressos em capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura. Os paratextos que compõem o livro buscam situar as autorias: biografia do escritor, ilustrador e do artesão; um texto apresentando as técnicas utilizadas para composição das ilustrações (passo a passo); breves palavras da escritora sobre a origem do conto recolhido nos finais do século XIX. Aliás, a obra traz ao leitor além da nova versão, o conto na sua forma original; há também uma página que se configura como um glossário, mas sem essa titulação, sobre as comidas locais referidas no texto. Na quarta capa, são indicadas informações sobre o projeto que deu origem a realização da coletânea.

Dos 10 títulos, este é o único de autoria feminina. A jovem Tatiana Pinto, nascida em Zambézia (Moçambique), imprime na narrativa a sobreposição, intencional ou não, de camadas para cada ação e fala das personagens. O que é contado carrega sentidos que escorrem das páginas e nos provocam a pensar sobre as interações sociais e os padrões que se estabelecem nas construções e desconstruções de gênero em nossa sociedade, no caso do Brasil.

A narrativa *A viagem* tem como matriz um conto de origem Ronga, em Moçambique, recolhido, como já explicitado no século XIX, e recontado por Tatiana. Isso poderia nos levar a crer na atualização cultural, mas tanto na narrativa daquela época, apresentada ao final do livro, quanto na história recriada, o protagonismo da personagem feminina Inaya está presente. A história é fruto do levantamento de contos tradicionais africanos de transmissão oral, um movimento realizado pelo missionário suíço Henry Junod, que, numa tentativa de compor uma unidade baseada na língua e em certos costumes comuns a todos os povos, elaborou obras abordando o modo de vida Ronga,

que o fez, deliberadamente ou não, usando modelos da sociedade no momento (MAHUMANE, 2007).

A Viagem é movida por um acontecimento: os dois filhos homens de Masud e Wimbo decidem viajar para terras distantes, na cidade do jogo, com fins de obter riquezas para não precisar mais trabalhar em suas vidas. Agot e Mbuio partem rumo a Kuro-Kuro, numa viagem incerta. Muito tempo se passa sem que retornem, assim, a irmã Inaya decide ir atrás deles. Apesar de desencorajada por seu pai, que diz “Para essa terra não vão raparigas! Vais ser morta!” (PINTO, 2016, p. 11), insiste e recebe a anuência de genitores. Na partida sua mãe, Wimbo, encoraja a filha, lembra-a da proteção de seus ancestrais e despede-se dizendo: “Sei que és capaz e que nada te aterroriza! És forte e vais continuar a ser forte” (PINTO, 2016, p. 12). Durante sua viagem, Inaya depara-se com três mulheres de idades distintas e que solicitam ajuda em suas tarefas e necessidades; ajudá-las significaria aumentar o tempo de sua viagem e, em alguns momentos, deixá-la exausta. A personagem despende tempo ajudando a “senhora, curvada pelo peso da idade” (PINTO, 2016, p. 13) a se lavar e cuidar-se, como também assiste a “senhora de meia-idade, não muito velha, mas também não muito nova” (PINTO, 2016, p. 14) a pilar todo o milho de seu celeiro, e auxilia “uma jovem alta, formosa” a preparar a xima – alimento feito da farinha do milho ou, dependendo da região, feita da farinha de mapira.

Cada uma das mulheres agradece Inaya, oferecendo algo que julgam ser útil: sementes, um gato e, por fim, roupas que lhe conferem a aparência de um jovem rapaz. Chegando à cidade de Kuro-Kuro, vestida com as roupas que ganhara, é testada pela população, que desconfiava de sua identidade: seria homem ou mulher? Nesse momento, o gato que ganhara ajuda a contornar a situação. Após esse percalço, lembra-se das sementes recebidas, e percebe que são de grande valia, tornando-se, então, “chefe daquela terra” (PINTO, 2016, p. 18). Ali vivendo, acumula riquezas e viaja pelas terras, sempre sem perder de vista a tarefa de encontrar Agot e Mbuio, o que ocorre certo tempo depois: ambos viviam como escravizados nessa terra. No seu reencontro com os irmãos, Inaya descobre que durante a viagem deles se depararam com as três senhoras, mas decidiram não ajudá-las, por incômodo, pressa ou por pensarem que “Algum dia se viu homens a cozinharem?” (PINTO, 2016, p. 21). Inaya estava muito feliz com o reencontro e planejou uma fuga com os irmãos, onde leva toda a riqueza que acumulou no tempo de “chefe da terra” (PINTO, 2016, p. 18). Durante a viagem de barco, Agot e Mbuio decidem que seria muito vergonhoso que a aldeia soubesse que eles haviam sido salvos pela irmã e que ela tinha conquistado as riquezas. Por isso, escolhem matá-la jogando-a no rio, assim poderiam contar a história de forma que lhes favorecesse.

Todavia, Inaya é salva dessa desventura e no reencontro com as três senhoras que conheceu na sua viagem rumo a Kuro-Kuro recebe ajuda para encontrar o caminho de casa. Chegando lá conta a seu pai a história de tudo o que realmente tinha se passado. Assim, Masud com a ajuda do chefe da aldeia decidem amaldiçoar Agot e Mbuio pela “mentira e covardia contra a própria irmã” (PINTO, 2016, p. 26). Ela fica desolada e é consolada pela mãe, Wimbo, que, entre lágrimas, diz: “fizeste tudo o que pudeste. Percorreste floresta, venceste desafios, salvaste os teus irmãos... Eles é que se perderam. E aqui estás, com vida e junto a mim! Bem-vinda a casa, minha filha” (PINTO,

2016, p. 26).

A história traz os temas de tradição e transformação na figura da filha Inaya, na personagem que questiona a organização de sua comunidade e, com suas ações, mostra que “não existia nenhuma barreira entre os trabalhos dos homens e das mulheres” (PINTO, 2016). Tradição que não pode ser encarada como sinônimo de práticas estáticas. Em geral, tradição e transformação são apresentadas como antagônicas.

Ao ler *A viagem*, deslocamos pensamentos, de forma a não incorrer em binarismos sobre modernidade e tradição, o que é popular e culto, de maneira a pensar que as questões de gênero precisam adentrar o espaço de sociedades moçambicanas, como a da cultura Ronga. Um alerta feito por Oyèrónké Oyěwùmí (2004, p. 2) sobre como as experiências das mulheres têm sido interpretadas:

Pesquisadoras feministas usam gênero como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria “mulher” e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural. Como ponto de partida da investigação, não podemos tomar como dado o que de fato precisamos investigar.

Esse olhar pode ser um movimento de colonizar os corpos e as existências com teorizações e organizações que não lhes pertencem e, em alguma medida, inviabilizar as relações muito dinâmicas e complexas. Isso ocorre, por exemplo, com a mãe de Inaya, Wimbo, que não altera a relação de divisão de tarefas da aldeia e, apesar disso – ou não, de forma contraditória, mais contida nessa interação –, tem espaço de negociação e agencia as situações, exercendo a função de aconselhar, que tem uma importância discursiva legitimada nas relações familiares. Essa percepção dialoga com a proposição de Oyěwùmí (2004) quando argumenta sobre o conceito de gênero ser enraizado a partir da configuração de família nuclear, uma instituição social com arranjos que não são globais.

O povo que convencionou chamar de Ronga teve seu período formativo durante os séculos XVI e XVII, no entorno da região do que hoje seria o sul de Moçambique, num território de disputas existentes pela ocupação de melhores terras ou das rotas de comércio, um comércio relativamente intenso que se realizava a partir das baías de Lourenço Marques e Inhambane (MAHUMANE, 2007). Essas informações corroboram com o que buscamos aqui destacar: nenhum espaço, cultura ou sociedade é bloco monolítico e estático.

REFERÊNCIA

MAHUMANE, Paulo Albino. *Somos uma identidade própria: percorrendo as trilhas de uma identidade tsonga criada: as múltiplas identificações no contexto urbano do bairro Luís Cabral em Maputo*. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónk. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *CODESRIA Gender Series*. Dakar: CODESRIA, 2004. v. 1.

PINTO, Tatiana. *A viagem*. São Paulo: Kapulana, 2016.

Zâmbia Osório dos Santos

Graduada em História (UFSC), Mestra em Educação (UFSC) e Doutoranda em Educação (UFSC).
Contato: zambiaos@yahoo.com.br

Milena Batista Bráz

Graduanda do Curso de Pedagogia – UFSC e Bolsista PIBIC - CAPES
milena.bbraz@gmail.com

Eliane Debus

Doutora em Letras (PUCRS), Mestra em Literatura (UFSC), com estágio de pós-doutorado na Universidade. Docente da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da UFSC. Contato: elianedebus@gmail.com